

# **CADERNO Nº 9**

## **CADERNO Nº 9**

Instruções diversas do Pe. Manuel Nunes Formigão  
sobre o pecado da religiosa e a forma de o combater

O pecado mortal da religiosa

A morte

O pecado venial

A tibieza

A penitência

A vitória de si mesmo

Os três graus da humildade

Sofrimentos e morte de Jesus na cruz

A Ascensão

### **O PECADO MORTAL DA RELIGIOSA**

#### **I - A possibilidade desse pecado**

A razão e a fé convencem-nos da possibilidade desse pecado da religiosa. Há duas coisas que cooperam em preservar-nos do pecado mortal: é a *graça* e a nossa *vontade*.

Ora, a graça de Deus, que nos livra do pecado mortal é um benefício particular de Deus; rigorosamente, não temos direito a essa graça e até não podemos merecê-la. É preciso pedi-la a Deus.

Quanto à nossa vontade, como ela é variável e inconstante! Nós mesmos muitas vezes não compreendemos quanto somos fracos. Além disso, o mundo cerca-nos dos seus perigos; em nós encontram-se paixões más e pérfidas; o demónio persegue-nos por toda a parte a fim de nos perder. E ele ataca de um modo especial as religiosas; o ódio que tem contra elas é grande. Em segundo lugar, a experiência ensina-nos que a religiosa é capaz de pecar. Todas as criaturas racionais estão expostas a pecar. Mesmo as mais santas. Sabemos muito bem o que sucedeu a uma parte dos Anjos, a Adão e Eva, a David, a Salomão, a S. Pedro, a Judas. Membros de Ordens e Congregações Religiosas têm ofendido a Deus e dado escândalo. Portanto, o estado religioso não tira a possibilidade de pecado; não faz senão afastá-la, torná-la mais difícil ou menos realizável.

## **II - Gravidade desse pecado**

A gravidade do pecado da religiosa manifesta-se no seu próprio pecado.

**1º** - Esse pecado é mau por causa do dever especial que a religiosa tem de tender para a perfeição. Esse dever é o primeiro da religiosa: ela deve observar não só os mandamentos mas também os conselhos; e, sem dúvida, há assim um campo bastante aberto ao pecado mortal. Além disso, resulta do carácter sagrado de que a religiosa está revestida em virtude dos votos, o que faz que muitos pecados sejam para ela sacrilégios.

**2º** - O pecado da religiosa tira uma malícia particular das luzes e conhecimentos que ela possui. A religiosa não pode alegar, como as pessoas do mundo, a desculpa da sua ignorância. Sabia muito bem o que fazia e teve muitas ocasiões de pensar, de reflectir, de avaliar o que fazia. Sob este aspecto, o seu pecado assemelha-se ao dos Anjos rebeldes.

**3º** - Este pecado é hediondo por causa da ingratidão que mostra. Deus já perdoou a essa religiosa os pecados da sua vida passada e cumulou-a de benefícios naturais e

sobrenaturais sem número. Que abuso de graças incalculáveis não teve ela de cometer para chegar ao pecado mortal! Uma queda tão grande, tão profunda, é incompreensível sem uma tibieza muito grande e inveterada. Com que facilidade, porém, podia evitá-la! Uma palavra à sua superiora bastaria talvez; mas não quis resolver-se a dizê-la... Há neste pecado outra semelhança com o pecado dos nossos primeiros pais.

4º - O que manifesta a malícia do pecado da religiosa é a dureza de coração, a hipocrisia e a temeridade que o acompanham; aquela que o comete habita na casa de Deus e a poucos passos do Sacrário, usa o hábito religioso, está, pelo seu estado, consagrada à perfeição cristã, deixa que lhe beijem a mão, que a tratem por Vossa Reverência, caminha sob as vistas do Divino Esposo e, apesar de tudo isso, tem o demónio no coração! Isto não faz lembrar Judas? Na verdade, só um coração duro, só uma alma negra é capaz de proceder assim e de continuar a viver em estado de pecado mortal; tal criatura não é, falando com franqueza, a mais criminosa que pode haver sobre a face da terra?

A gravidade do pecado da religiosa deduz-se também dos resultados ou dos frutos que produz. Em primeiro lugar, consideremo-los na própria pessoa que peca. Em que estado pode estar o seu coração? Que vácuo e que desgraça viver onde tudo lhe recorda o seu pecado, a condena! Além disso, uma maldição particular do pecado da religiosa consiste numa espécie de propagação e de multiplicação espantosas: o seu pecado converte-se numa legião de pecados, por causa das ocasiões frequentes em que se encontra de o renovar e por causa dos numerosos deveres cujo cumprimento descure. Terá ela aí coragem necessária para se emendar, para reparar o mal que fez, para se sujeitar ao castigo que mereceu? É deste modo que um enorme montão de pecados, isto é, de achas para o inferno se pode acumular no coração duma religiosa!

Em seguida, vejamos as tristes consequências do pecado da religiosa para a Igreja e para o Instituto a que pertence. Com certeza, uma tal pessoa não pode deixar de prejudicar os outros; estendendo em volta dela a atmosfera de tibieza e de mal em que se encontra, priva o seu Instituto da graça e da protecção de Deus e, enfim, faz o que pode para o cobrir de vergonha e de ignomínia.

Porventura o seu Instituto mereceu semelhante ultraje?...

A Igreja perde uma força na religiosa pecadora. Que é que fará ela, com efeito, pelo reino de Cristo, pelas almas e pela glória de Deus?

Que poderá ela contra o reino do demónio e contra o mundo, sendo como é escrava do demónio?

Portanto, nunca, jamais cometer um pecado mortal. Se quereis saber o que é um pecado mortal, interrogai os Santos, interrogai todos os corações nobres da milícia de Cristo, os solitários, os mártires, etc... Os seus sacrifícios e os seus sofrimentos, eis a sua resposta. Que dizem e que bradam a uma só voz? Antes sofrer tudo que cometer um só pecado mortal. É assim que pensam todas essas almas nobres. Uma religiosa não deve ter os mesmos sentimentos? Interrogai o vosso próprio coração. Que diz ele da fraqueza, da loucura, da desgraça, da inutilidade, do perigo, da infidelidade, da ingratitude e da cobardia que se encontram no pecado? Interrogai a Deus, os Anjos decaídos, os nossos primeiros pais, a ignomínia e a desgraça do mundo pecador. Comparai a ordem actual com o estado original do paraíso terrestre. Permanecer fiel até à morte, tal deve ser a resolução de toda a religiosa.

### **III O que não nos conduz ao pecado**

O que por si nos conduz ao pecado não é nem o nosso estado nem os seus perigos se não nos expusermos a eles sem necessidade mas só por obediência, guardando a prudência conveniente. Não são, tão-pouco, nem o nosso temperamento, nem o nosso carácter, nem as nossas disposições naturais, nem mesmo as nossas tentações que nos conduzem necessariamente ao pecado. Mil outras religiosas têm as mesmas tentações que nós e, com isso, um carácter mais difícil e inclinações mais perigosas que as nossas, as quais, todavia, se santificaram a si mesmas e às outras, fazendo assim honra à sua vocação. Portanto, o mal não está nisso e não se deve atribuí-lo àquilo que, em si mesmo, de nenhum modo o merece.

### **IV O que nos conduz ao pecado**

1 - Antes de mais nada, é a falta de fundamento sólido na nossa vida espiritual. Esse fundamento, que deve ser estabelecido durante o noviciado, tem três partes:

- A primeira consiste no temor e no amor de Deus; devemos, a bem dizer, não temer e não amar senão a Deus.

- A segunda parte é o desprezo do mundo, desprezo resultante da convicção do

que é vão e mau, do que não pode tornar-nos verdadeiramente felizes e do que nos conduz certamente ao pecado.

- A terceira parte da base da nossa vida espiritual é a persuasão íntima da grande necessidade que temos da disciplina, da mortificação e da abnegação para escapar aos perigos e para fazer um bem sério.

2- O que nos conduz ao pecado é, em segundo lugar, a negligência da oração: quando, por exemplo, teoricamente falando, não estamos já convencidos da excelência, da necessidade e da eficácia da oração e quando, na prática, não rezamos ou rezamos mal ou com tibieza. Eis a primeira via de água, aberta ao navio que se chama a nossa alma, e é também o começo da nossa ruína; porque, então, falta-nos a serenidade, a luz e a força, e também a protecção de Deus que nos é tão necessária.

3 - Enfim, e de maneira particular, estamos expostos ao pecado pela falta de abnegação e de mortificação, quer do lado do espírito - pelo *orgulho* - quer do lado do corpo - pela *sensualidade*.

Relativamente ao *orgulho*, é-nos sobretudo fatal termos a confiança presunçosa e a estima exagerada de nós mesmos, que nos persuadem, por assim dizer, da nossa impecabilidade. Em princípio devemos, em *primeiro lugar*, convencer-nos do contrário, graças a esta verdade já conhecida de que um pecado grave é sempre possível, e, em *segundo lugar*, gravar bem no nosso espírito e reter a máxima fundamental e geral de que somos capazes de tudo. Nem a idade, nem a sabedoria, nem a serenidade nos garantem absolutamente contra a loucura do pecado. Não há certeza senão na eternidade. Esta falsa segurança e esta negligência seriam o primeiro passo para a nossa perda. Quanto à prática, é preciso que permaneçamos na humildade e na desconfiança de nós mesmos, evitando os perigos que não são necessários.

A *sensualidade* apresenta-se sob diferentes aspectos: muitas vezes é uma espécie de levandade que faz que nada tomemos e nada façamos a sério, que brinca e graceja com tudo: a consequência é a falta de força ou de energia nas dificuldades. Outras vezes é uma certa superficialidade que nos faz passar o tempo a ocupar-nos de negócios e de trabalhos exteriores, sem nunca ou quase nunca nos recolhermos para orar e para alimentar a nossa vida interior: é uma espécie de (...) <sup>1</sup> e um desperdício de forças deplorável. A sensualidade pode também consistir na preguiça e no amor das

---

<sup>1</sup> O Pe. Formigão não completou a frase, deixando no documento original um espaço em branco.

comodidades, quando não se quer suportar nenhum incômodo; ou ainda na curiosidade indiscreta dos sentidos, quando se quer ver tudo, ouvir tudo, ler tudo e saber tudo; ou, enfim, na licença desenfreada da imaginação e nos apegos do coração, quando não se pode viver sem certas pessoas amigas e se alimentam por toda a parte amizades particulares. Em tudo isto devemos fazer-nos violência, não nos deixarmos arrastar, adoptar e seguir fielmente o princípio de não fazer nada sem um motivo racional e sério. Nunca devemos perguntar a nós mesmos se nisto ou naquilo há pecado grave ou leve, nem sequer se há pecado ou não. O que deve decidir então é isto: tenho razão séria e conveniente para agir? É este o princípio fundamental da salvação e da perfeição.

Tais são os caminhos que conduzem ao pecado, e seguir os caminhos opostos é o meio de evitar o pecado. S. Francisco de Sales acrescenta outro meio: “Acautelai-vos do primeiro pecado e não cometeis o segundo”. Com efeito, esta consciência da própria inocência é um meio poderoso para nos preservarmos do pecado. Uma vez que caímos, quanto é fácil tornar a cair!

## **A MORTE**

### **I - Natureza da morte**

A morte é o fim da nossa vida sobre a terra, e isto, de três modos.

**1º** - A morte é o princípio da nossa vida corporal.

A essência da morte consiste propriamente em que o corpo e a alma são separados e se deixam um ao outro. Há a união mais íntima entre a alma e o corpo: não é só uma união de comunidade de vida, é a unidade de ser. A alma e o corpo penetram-se reciprocamente e unem-se para formar um princípio de actividade vital. A alma não é só o princípio da vida espiritual, é também o princípio da vida do corpo: é a forma substancial dele. Esta união íntima não é destruída senão pela morte. A separação é por isso violenta e, mais ainda, dolorosa, porque o corpo não se retira da alma senão por causa do enfraquecimento e da dissolução penosa dos seus órgãos que a forçam a abandoná-lo. Esta separação é, além disso, humilhante, porque não estava na origem no plano de Deus e não foi querida senão como castigo do primeiro pecado em que a alma e o corpo cooperaram; sob este aspecto, a morte é a verdadeira execução de uma sentença. Só a alma vai para a eternidade; o corpo, ficando atrás, é levado para a sepultura, onde se reduz a pó e se torna um não sei quê que não tem nome em nenhuma língua.

**2º** - A morte é, por causa da separação da alma e do corpo, o fim de todo o trabalho terrestre.

Quaisquer que sejam os nossos empregos e os nossos lugares, quaisquer que sejam as nossas relações, quaisquer que sejam os nossos planos, os nossos projectos, os nossos negócios e as nossas empresas, na Igreja, no mundo e na vocação religiosa, tudo cessa, tudo acaba, tudo desaparece; devemos dizer adeus mesmo ao que nos é mais caro, mais agradável, mais precioso, mais digno de estima, mais santo: trabalho, sacrifício, mérito, perfeitos ou imperfeitos, por mais importantes e necessários que eles pareçam a nós e aos outros, ficam interrompidos para sempre. Tudo que é do tempo, em uso para este mundo, não servia senão de instrumento ou de meio para alcançar a eternidade; tudo isto fica e é atraído para trás, como a tábua que levou o naufrago à praia e que ele em seguida afasta para longe de si.

**3º** - A morte é o fim da nossa vida na memória e na lembrança das criaturas.

Como desaparecemos depressa da vista e da lembrança dos nossos semelhantes! Outras pessoas ocupam o nosso lugar, afastam-nos e suplantam-nos. Quão depressa se deixará de falar de nós! Passado pouco tempo já ninguém pensará em nós.

Assim, somos arrebatados da vida terrestre como a árvore arrancada pela

tempestade, que deixa ver, no meio de um campo horrivelmente escavado e devastado, até as dilacerações das suas menores raízes.

A morte é o começo da eternidade. A morte é, pois, a entrada nesse outro mundo cujas condições, destinos, sofrimentos, alegrias, recompensas e castigos são para nós completamente diferentes, completamente estranhos, completamente desconhecidos, mais ainda, tão extraordinários e tão prodigiosos.

A morte é, enquanto entrada na eternidade, o princípio de um estado eterno e imutável. Aquilo para que fui criado e que mereci pela minha vida torna-se então a minha partilha e o meu quinhão eternos.

A morte, finalmente, como começo de eternidade, é um encontro decisivo com Deus. Compareceremos diante de Deus: Ele julgar-nos-á, castigar-nos-á ou recompensar-nos-á; e a sentença que há-de pronunciar permanecerá eternamente irrevogável.

Assim a morte, considerada sob cada uma das suas faces, é severa, penosa e fatal.

## **II - Circunstâncias da morte**

**1** - A primeira circunstância da morte é que ela vem com certeza.

E essa é uma verdade indubitável, natural e sobrenaturalmente. Em castigo do primeiro pecado, Deus condenou à morte toda a humanidade. Até hoje ninguém foi poupado. Elias e Hewel hão-de morrer. Segundo uma lei sapientíssima de Deus, tudo o mais, mesmo o que há de mais poderoso e de mais sólido, caminha para a ruína e para a dissolução: as montanhas caem pouco a pouco em pó; o grande relógio planetário voará um dia em estrelas, e então o sol ficará, por assim dizer, adormecido nas nuvens da manhã e não tornará a nascer. O mundo inteiro é destinado com o homem à morte. E é necessário que morramos; não nascemos, não fomos criados para esta terra e para esta vida. Esta vida não é senão uma preparação para a visão intuitiva de Deus na eternidade; ora ninguém verá a Deus e viverá ao mesmo tempo (Ex 33, 20); portanto, a vida tem o seu termo. Nada tão certo como esta verdade. Há um termo para o trabalho, para o sofrimento, para a ocasião de merecer; há último dia, uma última acção, um último mérito para o homem.

**2** - A segunda circunstância da morte é que ela vem depressa.

Efectivamente, sem cessar, dia e noite, no trabalho e no repouso, caminhamos

apressadamente para ela; além disso, a morte já tem nas suas mãos grande parte, talvez até a maior parte da nossa vida. (Ir. Maria Ester). De resto, em geral a vida é tão curta! Como a nossa vida passa depressa! O resto não será menos rápido.

**3** - A terceira circunstância é que a morte vem de improviso.

Deus, por bons motivos, não quer dizer quando vem; quer surpreender-nos como um ladrão (*Lc* 12, 39), como o relâmpago (*Mt* 24, 27). Não o pode fazer? Onde está o nosso certificado de vida e de imortalidade? Juventude? Saúde? Autoridade?...

**4** - A quarta circunstância consiste em que a morte não vem senão uma vez, nunca duas vezes.

É o que há de terrível na morte; esta única visita é que decide de toda a eternidade! Por isso, o cristão pede a Deus a graça de ser preservado da morte súbita e imprevista.

### **III - Lições da morte**

**1** - A morte ensina-nos, em primeiro lugar, o conhecimento e a fuga do pecado.

A morte ensina-nos, primeiro, a conhecer o número dos pecados. Ela dá-nos a vista clara deles; o que parecia há muito tempo esquecido, morto e sepultado, acorda e volta à aproximação da última hora.

**2** - A morte ensina-nos, em segundo lugar, a conhecer a malícia dos nossos pecados.

Efectivamente mostra-nos que o nada e a vaidade do que nos levou ao pecado - a honra, a riqueza, o amor humano - não são senão como que um montão de destroços queimados e consumidos. Mostra-nos como a loucura e a inutilidade do próprio pecado não faz senão enganar-nos e tornar-nos infelizes. Mostra-nos, finalmente, a desgraça do pecado nas suas consequências, no juízo, nos castigos que nos ameaçam. Assim, a morte é uma espécie de revelação, de manifestação do pecado e, para nós, uma passagem das trevas para a luz.

**3** - A morte ensina-nos a fugir do pecado e a detestá-lo.

Porque não é sobretudo o pecado que torna a morte má, se somos surpreendidos por ela no estado de pecado mortal? Além disso, o pecado torna a morte penosa e triste por causa da separação das criaturas e dos hábitos que se nos tinham tornado caros, por causa da perspectiva do juízo e dos castigos da eternidade, e por causa dos remorsos da

nossa consciência. O pecado não é, por conseguinte, senão um monstro venenoso que se esconde sob flores.

4 - A morte ensina-nos, em seguida, a reconhecer e a corrigir o desregramento da nossa vida. O desregramento da vida consiste, antes de mais nada, em que não temos considerado a existência, ao menos sob o ponto de vista prático, como uma preparação para a eternidade; então damos à nossa vida fins temporais, naturais, e tratamos a eternidade, o serviço de Deus e a revelação da nossa alma como acessórios, como coisas secundárias. A morte ensina-nos expressamente, e tanto mais expressamente quanto mais nos aproximamos da eternidade, a ver nessa eternidade a única coisa grande e terrível, e, em tudo o que é temporal, apenas meios para conduzir à eternidade; assim, quando nos aproximamos de uma cadeia de montanhas, os cumes parecem-nos elevar-se cada vez mais, ao passo que tudo o mais se apaga e desaparece aos seus lados.

O desregramento da vida consiste também em que, apesar do conhecimento do nosso fim, não temos feito esforços sérios para o alcançar pelo emprego dos meios convenientes. Verifica-se esse caso quando nos falta a indiferença em face das criaturas, quando não escolhemos os melhores meios ou quando não usamos deles de maneira constante.

Em tudo isto, a morte é uma conselheira e uma auxiliar. Como a indiferença é natural no leito de morte! A morte torna-nos indiferentes para com tudo; torna-nos tudo igual. Riquezas, honras, vida longa, tudo passou; já não restam vestígios de nada disso; pobreza, vida curta, desprezo, passaram igualmente e não nos afligem já. Como se nos apresenta verdadeira então a máxima: *“De todas as coisas do tempo, três quartas partes não são senão pura imaginação”!*

Como pode, pois, ser difícil, durante a vida, escolher e empregar os melhores meios! Que pensaremos a este respeito no nosso leito de morte? O que então desejaremos, será certamente termos empregado os melhores meios! Do mesmo modo, a morte ensina-nos a empregar esses meios com perseverança. Não é somente o mau uso da vida, mas é ainda o não uso da vida que, à hora da morte, será um peso muito penoso para o nosso coração; esta inutilidade da vida, estes zeros! Que proveito podíamos ter tirado do tempo que perdemos: Deus queira que não sejamos daqueles de quem a Sagrada Escritura diz: “Quando dormiam o seu sono, os homens das armas já não encontravam o vigor das suas mãos” (Sl 75,6).

5 - A morte ensina-nos a conhecer a vaidade e a malícia do mundo.

Tal é a última lição da morte. Não é vão, com efeito, o que com certeza nos abandona, o que assim não deixa nenhum vestígio atrás de si, desde que a eternidade chega e não nos assegura nenhum contentamento, nenhuma satisfação? Não é vão aquilo que nos abandona tão depressa e de que não podemos gozar, senão, por assim dizer, de pé e de passagem? Não é vão o que pode abandonar-nos subitamente a cada instante? Vale a pena apegar a isso o nosso coração? Como tinha razão S. Francisco de Borgia ao fazer o voto de não consagrar nunca mais a sua existência ao serviço de um amo que a morte podia arrebatá-lo! Que é, pois, toda a magnificência, toda a glória humana, senão uma cabeça de morte, coroada?! Além disso, o mundo é mau. É ele que nos torna a morte tão amarga, que nos tira tantos méritos para a eternidade, que nos faz contrair a dívida de tantos pecados e que, por fim, nos deixa inteiramente sós com a carga de uma herança tão inquietadora! O que é que faz o mundo para nos consolar na nossa última hora? Extremamente lisonjeiro e acariciador enquanto estamos cheios de vida, o mundo não tem igual em cobardia e em infidelidade, desde que a morte está à nossa porta.

## **O PECADO VENIAL**

A questão do pecado venial é por demais importante, no tempo e na eternidade, para não lhe prestamos a atenção particular.

## I - Natureza do pecado venial

1 - Por pecado venial entende-se geralmente a transgressão da lei de Deus e uma ofensa a Deus que não trazem consigo a privação da graça e da amizade divina e a condenação eterna. Um pecado pode ser venial por duas razões:

- Ou por causa da leveza e da insignificância do objecto em si mesmo,

- Ou por falta de conhecimento perfeito ou de vontade inteiramente livre, mesmo quando o objecto ou a matéria é grave. Que há pecados que são apenas veniais é doutrina da Igreja ensinada pelo Concílio de Trento. A própria Sagrada Escritura diz que há pecados cometidos pelos justos sem que estes deixem de ser justos. Estes pecados são as pequenas manchas e as rugas que desdoiram a Igreja e as almas em particular, mas sem as desfigurar inteiramente; é a lenha, é a palha sobre o fundamento, Cristo, e que arderão no Purgatório. (S. Paulo aos *1Cor*) Efectivamente, a sabedoria e a justiça de Deus exigem que a sua graça e a sua amizade, assim como a consecução da salvação, não dependam de coisas que muitas vezes mal podem ser chamados actos humanos e são antes efeitos da fraqueza do que da reflexão. O pecado venial não é a cessação completa do esforço para o fim último; é apenas lentidão ou diminuição nesse esforço.

2 - Tal é o pecado venial em geral. Aqui compreendemos, sob a designação de pecados veniais, especial e expressamente, a pior espécie de pecados veniais; a saber: aqueles que são cometidos com pleno conhecimento, a vontade completamente livre, e apesar do protesto da consciência; trata-se, pois, de pecados veniais perfeitamente deliberados. São esses pecados, sobretudo, que são o objecto desta meditação e não tanto aqueles que nos escapam por inadvertência e surpresas: estes últimos; não impedem de tender para a perfeição, mas sim os primeiros. O nosso primeiro esforço na vida espiritual deve ser armamo-nos contra essas faltas deliberadas e procedermos de maneira que nos abstenhamos delas habitualmente.

3- É agora a ocasião de volvermos um olhar para trás, sobre a nossa vida, e de examinamos a nossa consciência, a fim de vemos se temos o ódio que devemos ter ao pecado venial deliberado, percorrendo para isso os mandamentos e notando aqueles contra os quais temos pecado mais e para que pecados veniais temos mais inclinação

## II - O mal do pecado venial

Podemos ver claramente o mal do pecado venial por dois lados ao mesmo tempo, e assim encontramos numerosos motivos para o evitar.

### 1 - Do lado de Deus, o pecado venial é:

Em *primeiro lugar*, um protesto contra a sua sabedoria e o seu domínio, a que devemos estar sujeitos pelo cumprimento da sua vontade e pela observância dos seus preceitos e das suas proibições. O mal do pecado venial não é, essencialmente e em princípio, menos mau que o mal do pecado mortal, e Deus toma a sério também a obrigação que nos impõe de evitamos o pecado venial. Sim, a sua ordem ou a sua proibição são expressas e obrigatórias então, como no caso do pecado grave; somente ele não põe nisso todo o peso da sua autoridade e todo o rigor da sua justiça. Todavia, nós pecamos venialmente. O pecado venial deliberado é, pois, a transgressão e o desprezo de uma vontade de Deus conhecida e formal, uma verdadeira desobediência para com Deus, mas a desobediência que não é punida com a condenação eterna. É por isso que o pecado venial deliberado contém em si um tão grande mal que por coisa nenhuma deste mundo o deveríamos cometer.

Em *segundo lugar*, é uma oposição à santidade e à sabedoria de Deus. Mesmo o mais pequeno dos pecados veniais é um monstro tão contrário a Deus que destruiria mil vezes todo o universo antes de que aprová-lo. É evidente que um legislador sábio não deve limitar-se a proibir as transgressões graves, mas também as leves, porque estas conduzem àquelas. Por isso Deus não se contenta de proibir as faltas graves contra o 5º, 6º e 7º mandamentos; proíbe ainda as faltas leves, porque são um verdadeiro mal, um mal completamente intolerável para ele, e porque os pecados pequenos conduzem aos grandes. Nós mesmos não poderíamos suportar nenhuma sociedade em que fosse apenas proibido matar-nos, roubar-nos ou enganar-nos dum modo notável.

Em *terceiro lugar*, é oposto à bondade e ao amor de Deus. Há, com efeito, no pecado venial, a ofensa de Deus, porque há uma inclinação desregrada para um bem criado e, portanto, um desprezo da vontade divina, sem todavia ser grave. Ora, tudo isso é contrário ao amor e à alta estima que devemos ao Bem supremo. Sem dúvida alguma, a nossa caridade é defeituosa quando dizemos com a boca que amamos a Deus e fazemos muitas vezes aquilo de que Ele não gosta, o que Ele proíbe e detesta.

Deus não se detém, não se limita ao que é essencial, ao que é estreitamente necessário no seu amor e na sua bondade para conosco: ama-nos em toda a parte, e sempre e em tudo, e além de toda a medida. Porque queremos, pois, contentar-nos com o essencial na obediência e no amor que lhe devemos? É claro que isso não é bom espírito, não é espírito filial; e ainda muito menos esse espírito convém a uma alma consagrada, a uma religiosa que fixou a si mesma, como fim a atingir, a perfeição, isto é, o amor de Deus.

**2 - Relativamente a nós mesmos**, o pecado venial é um mal, a bem dizer, deplorável, por causa das suas funestas consequências.

Em *primeiro lugar*, esse pecado causa-nos uma séria desvantagem nas nossas relações com Deus. O pecado venial ofende a Deus, e é por isso que ele faz diminuir as demonstrações e as provas de amor e de ternura de Deus a nosso respeito; subtrai-nos muitas graças eficazes que sem isso teríamos recebido da bondade divina, aproximando-nos dos sacramentos ou praticando outras boas obras; priva-nos, além disso, da protecção especial de Deus nas provações, nos perigos e nas tentações. E esta protecção de Deus é qualquer coisa de extraordinariamente importante na vida prática. O pecado venial diminui, da nossa parte, a confiança filial em Deus e o nosso amor por Ele, de sorte que, pouco a pouco, a frieza, a indiferença tomam o seu lugar, e um muro de separação se eleva entre Deus e nós. Porque temos má consciência, não amamos o convívio íntimo com Deus e já não o procuramos como o faríamos antes.

Em *segundo lugar*, o pecado venial conduz-nos insensivelmente, ainda doutra maneira, a um estado de alma mau e perigoso. Os pecados veniais deliberados fazem perder à consciência a sua delicadeza e tornam-nos levianos e negligentes; daí resulta o despertar das paixões e o assalto das tentações. Então, basta uma ocasião perigosa anterior para nos fazer cair em pecado mortal; é assim que o pecado venial prepara no nosso coração o lugar para o pecado mortal. Estes dois pecados são como dois ladrões que trabalham dando-se as mãos: onde o pecado grave não pode penetrar, o pequeno passa e alarga da parte de dentro a abertura para que o grande possa também entrar.

Em *terceiro lugar*, expõe-nos a castigos penosos. Primeiro, no tempo, muitas vezes a desgostos amargos, a embaraços, a prejuízos de saúde, a perturbações na nossa paz e tranquilidade ocasionadas pela desobediência e pelas outras desordens do pecado venial; depois, na eternidade, onde nos esperam os suplícios cruéis do Purgatório.

Meçamos por isso todo o mal que o pecado venial nos causa. Por esse motivo, os Santos antes queriam morrer do que cometê-lo, ou então, se o cometiam, faziam dura penitência, muitas vezes durante toda a vida.

### **III - Meios de evitar o pecado venial**

1- O primeiro meio é a resolução, o propósito firme e invariável de nunca cometer um pecado venial deliberado; e devemos renovar-nos nessa boa disposição em cada confissão e em cada exame.

2- O segundo meio é a fuga das ocasiões perigosas. Talvez (e esses casos de pecar não são raros) encontremos uma causa permanente de pecados veniais em certa pessoa, em certo lugar, etc... Então evitemo-los como pedras de escândalo.

3 - O terceiro meio é a calma, a presença de espírito, o recolhimento e a atenção sobre nós mesmos.

4 - O quarto meio é o exame particular que deve ser empregado antes de qualquer outro, se temos o hábito de cometer pecados veniais deliberados.

## **A TIBIEZA**

### **I - Natureza e essência da tibieza**

1 - Em geral, a tibieza é o contrário do fervor. Ora o fervor consiste num grau

elevado de caridade, ao passo que a tibieza é uma diminuição e um arrefecimento da caridade. A tibieza é, com efeito, um pecado contra essa virtude: a religiosa ou a simples cristã que é tibia não sente desgosto voluntário no serviço de Deus porque esse serviço lhe custa algum sacrifício? Não peca, portanto, assim contra a caridade?

2 - Em particular, a diminuição desse fervor mostra-se no procedimento da pessoa que é tibia e, em primeiro lugar, nos pecados que comete: já não tem a aversão nem o horror que tinha pelo próprio pecado, que já não tem em grande conta, e pelas fontes do pecado (espírito mundano, sensualidade, orgulho) e, finalmente, pelas consequências do pecado (tentações, maus hábitos e ocasiões de pecado). Além disso, a tibieza é uma diminuição no zelo e estima do bem: tem-se falta de coragem, de resolução e de força para aproveitar tudo (tempo, faculdades, ocasiões e graças) a fim de adquirir méritos e virtudes. A tibieza distingue-se especialmente pela menor elevação dos pensamentos, das vistas e das máximas: já não se quer aspirar a nada de alto e de grande, não se pensa senão no bem que se tem, sem inquietação por aquele que falta; já não se faz outra coisa senão estabelecer a comparação com os menos perfeitos. Para descer a mais particularidades, a tibieza revela-se ainda no desgosto voluntário da própria vocação; há sempre um sinal da negligência dos deveres de estado, donde resultam os remorsos da consciência. Do mesmo modo, a tibieza aparece na diminuição do zelo pela oração: já não segue um método determinado, já não se tomam resoluções precisas, já não se nota nenhuma das luzes que se recebe. Já não apontar as faltas do exame particular; ter grande receio da porta da cela da superiora ou da do confessor da comunidade, já não prestar contas de consciência nos dias marcados, são igualmente sinais de tibieza. O demónio da tibieza repousa com complacência sobre o caderno do exame particular; compete-nos afastá-lo de lá duas vezes por dia, inscrevendo exactamente nele de cada vez as nossas faltas ou os nossos actos de virtude. Enfim, a tibieza encontra-se no abandono dos exercidos de penitência.

Acrescente-se que a tibieza se faz reconhecer por certas maneiras de falar. “São apenas bagatelas”, ouve-se dizer às vezes das faltas de que a religiosa tibia, por exemplo, se torna culpada. Mas há alguma coisa pequena na vida humana e no serviço de Deus? Prestamos atenção às coisas pequenas quando se trata da nossa saúde corporal e da nossa vida. Então, não havemos de estimar ainda mais essas pequenas coisas de que se compõe a maior parte da nossa vida religiosa? Somos tão ricos como isso, de

bens espirituais? A bem dizer, não fazemos, recusando-nos a alguns esforços, senão mostrar a nossa fraqueza, a nossa preguiça e a nossa pobreza espiritual. “Eu não sou noviça”. Se isto quer dizer que vencestes as dificuldades das noviças, que servis a Deus com mais inteligência e fervor, então está muito bem. Mas, se quereis dizer que quereis ainda mais a vossa vontade no serviço de Deus, então mereceis que se vos sejam feitas as mais justas censuras. “Cometo apenas um pecado venial”. Esta palavra indica que estais muito perigosamente doente. “A regra não obriga sob pena de pecado”. Em teoria, sim, na prática, quase sempre, não. “As outras fazem também como eu”. Eis o melhor meio de verem bem o modelo e o ideal da negligência e da imperfeição. Porventura regulamo-nos pela necessidade dos outros, quando se trata do nosso apetite ou do nosso sono?

Tal é, pois, a tibieza: eis o seu retrato, as suas maneiras, o seu carácter e os seus hábitos. Fiz a descrição dela para que a conheçais e, sobretudo, para que a ponhais em fuga, logo que ela se apresente diante dos vossos olhos.

## **II - Motivos ou razões de evitar a tibieza**

**1 - O primeiro motivo é a desordem e a indignidade deste estado.**

A tibieza constitui um pecado contra a caridade; ela opõe-se ao que há de melhor e mais elevado na vida espiritual. É uma diminuição, uma degradação de todo o homem. É um estado de miséria moral, sem virtudes notáveis e sem méritos particulares; todos os maus instintos, todas as más inclinações renascem e desenvolvem-se nesta atmosfera morna. É um foco de paixões desregradas, de negligências, de faltas, de pecados, e, às vezes, de pecados sérios mas que não se quer reconhecer. A alma tibia não pode saber se é digna do amor ou do ódio de Deus.

**2 - O segundo motivo de evitar a tibieza é a desgraça deste estado.**

Este estado é sem consolações e sem alegrias: nem o mundo, nem as paixões, nem, com mais forte razão, Deus proporciona um perfeito contentamento àquele que vive na tibieza. Assim, ele está como que entre o martelo e a bigorna; a aflição chega-lhe de todos os lados e não encontra consolação em parte alguma. Ora, pode viver-se sem consolações? É por isso que faz cada vez menos caso dos preceitos, da regra e da sua vocação, até que, por fim, sacode o jugo completamente. É impossível que uma religiosa tibia sinta verdadeira alegria, porque está num caso que é a contradição com

todas as exigências da sua vocação.

**3** - O terceiro motivo de fugir da tibia é o perigo a que ela nos expõe.

Resulta, efectivamente, da natureza e do carácter da tibia que, na sua actividade debilitante e destrutiva, ela se introduz nos melhores e mais poderosos meios da vida espiritual, na oração, no exame particular, na confissão e na comunhão. Então começa um estado perigoso, mas que não se estabelece senão pouco a pouco e quase sem ser notado: é uma decadência gradual. A tibia é como a febre gástrica: não se sabe ao certo onde está a sede desse mal e donde vem o definhamento das forças, sentindo-se o doente tanto mais bem disposto quanto mais a doença se agrava. A religiosa tibia assemelha-se ainda ao viajante perdido nos cumes nevados dos Alpes; caindo de cansaço e de fadiga, quer sentar-se e descansar em toda a parte; se se atende o seu pedido, começa a dormir para não acordar senão na eternidade. A tibia destrói o edifício da nossa vida espiritual da maneira como os vermes consomem as traves duma casa: roem-nas sem fazer ruído e sem que se dê por isso, até que o prédio cai e se desmorona de repente. A religiosa tibia afasta Deus de si; a Sagrada Escritura serve-se de expressões terríveis para mostrar como Deus encara aquele que vive na tibia... *“Conheço as tuas obras e sei que não és frio, nem quente. Oxalá fosses frio ou quente, mas como és morno, não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca”* (Ap.3, 15-16). Eis o que Deus sente na presença da alma tibia..., e esta sensação, este desgosto, estas repugnâncias de Deus vêm, em primeiro lugar, das acções daquele que se entrega à tibia, e, em segundo, da sua própria pessoa, quando transpõe o passo quase imperceptível que o faz cair no pecado mortal. Então Deus afasta-o para longe de si: *“Tenho, porém, contra ti, que deixaste a tua caridade primitiva. Lembro-te, pois, onde caíste; arrepende-te, pratica as obras de antes, quando não virei ter contigo e tirarei o teu castiçal do seu lugar se não te arreponderes”* (Ap 2, 4-5).

### **III - Remédios para a tibia**

**1** - O primeiro remédio é a oração e a meditação.

Devemos muitas vezes considerar, nestes exercícios, qual é a Majestade que servimos e os motivos instantes que temos de a servir com generosidade. Encontramos um auxílio especial contra a tibieza na meditação dos nossos novíssimos. Conta-se, e já aqui e durante o outro retiro referi este facto, conta-se, digo, como os ursos na Sibéria são ensinados para fazerem as habilidades nos teatros e nos circos onde são levados pela Europa e pela América por companhias de espectáculos de variedades; e, sobretudo, como esses animais ferozes são habituados a dançar: a parte inferior da jaula onde estão encerrados é aquecida a uma temperatura tão elevada que esses animais tão preguiçosos são obrigados a levantar as patas - uma logo depois da outra - para não se queimarem e assim acostumarem-se pouco a pouco a dançar. Fazemos a meditação sobre o inferno e sobre os nossos fins últimos e tornar-nos-emos fervorosos, caminharemos alegremente pelas estradas da perfeição.

**2** - O segundo remédio para a tibieza é a fiscalização da Superiora ou a prestação assídua e exacta das contas de consciência fora da confissão.

Sem o emprego deste meio, os outros meios, mesmo os melhores, não servem de nada porque se descuram pouco a pouco e não se utilizam como é preciso. A prestação das contas de consciência é o regulador de tudo o mais.

**3** - O terceiro meio a empregar contra a tibieza é a mortificação voluntária em muitas coisas lícitas e permitidas.

Este meio reanima a vida espiritual e dá-nos novas forças para praticar a virtude. As solhas permaneceriam sempre preguiçosamente no lodo e conservariam, quando no-las servissem à mesa, o gosto do lodo, se nos tanques em que são criadas não se pusessem os laços que lhes dão caça continuamente e as fazem andar sem cessar em movimento de um lado para o outro, a fim de não serem apanhadas e comidas pelo seu inimigo.

Mortifiquemo-nos, portanto, muitas vezes, e seremos excelentes... O fervor, como a fidelidade, mostra-se sobretudo nas pequenas coisas...

**4** - O último remédio contra a tibieza consiste numa sincera, sólida e constante devoção ao Sagrado Coração de Jesus. A graça particular desta devoção é a preservação da tibieza; esta graça resulta da própria essência desta devoção: efectivamente, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus é a devoção ao amor do Coração Divino de Jesus e o seu fruto é a reciprocidade do amor. Há nele o contrapeso da tibieza.

## **PENITÊNCIA**

## **I - Natureza e essência da penitência**

A penitência é a virtude pela qual satisfazemos a Deus pela injustiça do pecado, reparamos o pecado e o destruimos em nós.

Para que a penitência atinja esse fim é preciso que seja interior e exterior e preencha três condições:

- a) deve em primeiro lugar apagar a falta,
- b) depois tirar a pena que resulta da falta,
- c) por último faz lutar contra as paixões que conduzem ao pecado.

Falta, pena e paixões, eis o que constitui em nós o reinado do pecado: é por isso esse império que a penitência tem por único fim derrubar.

## **II - Motivos da penitência**

1 - Há, em primeiro lugar do lado de Deus, motivos que militam pelo exercício da penitência em geral.

Com efeito, a penitência é, relativamente a Deus, um caso de justiça e de equidade: o pecado é uma dívida de que temos de responder diante de Deus (*Mt 6, 12*); o pecado é uma injustiça e uma ofensa. A dívida deve ser paga; a ofensa reparada; o bem tirado, restituído; é essa a exigência da justiça. Devemos ser honrados para com Deus. Sucede às vezes contraírem-se dívidas, mas o homem leal distingue-se daquele que o não é pela fidelidade em as pagar desde que o pode fazer. Ora, nós podemos pagar as nossas dívidas: o meio é a penitência. Certamente devemos satisfazer a Deus antes de qualquer pessoa, porque não só é nosso credor e credor privilegiado, mas o primeiro do nossos credores privilegiados. A penitência é um acto de alta justiça, que devemos apressar-nos a cumprir em primeiro lugar. Além disso, temos igualmente do nosso lado motivos de fazer penitência; primeiro e antes de mais nada, é absolutamente necessário. Não há, na verdade, senão dois caminhos para ir para o céu: o da inocência e o da penitência. *“Se não fizerdes penitência, todos perecereis”*. (*Lc.13,5*). Os Santos Padres chamam à penitência a tábua de salvação no naufrágio; se não se quer ser engolido pelas águas, é preciso lançar mão dessa prancha e imitar o náufrago. Por mais penosa que seja a sua posição, este agarra-se com todas as forças à tábua que apanhou, ainda que isso lhe custe ser, de tempos a tempos, submergido pelas ondas, e beber alguns goles de

água salgada. A penitência, além disso, repara tudo, restabelece tudo, restitui tudo, os méritos e a amizade de Deus. A penitência e a justiça, com efeito, não cobrem e não escondem somente o pecado; são uma nova criação, um renascimento e um novo baptismo do homem que se torna um ser novo e recomeça uma vida nova. Temos exemplos dos efeitos maravilhosos da penitência na vida dos Santos (Santa Maria Madalena, S. Pedro e S. Paulo). Que vantagens não se tira da penitência! Ela proporciona-nos uma alta santidade e assegura-nos um lugar magnífico no reino do Céu.

2 - Quanto aos exercícios particulares da penitência, temos igualmente motivos particulares para os fazer.

Há, em primeiro lugar, duas maneiras de praticar a *penitência interior*.

A *primeira* maneira consiste no arrependimento, no bom propósito e na confissão das faltas; praticamos estes actos no exame de consciência e na confissão. O arrependimento e o bom propósito são o que há de principal e de mais necessário na penitência interior, porque o pecado reside na vontade e é também da vontade que ele deve ser expulso. A confissão é a forma exterior desta penitência; o próprio Deus a determinou.

A *segunda* maneira de praticar a penitência interior consiste na mortificação e na vitória sobre as paixões desregradas. Devemos mortificar as nossas paixões, porque nos conduzem sempre ao pecado. Elas são como que as garras com que o pecado e o mau espírito nos agarram e nos deitam por terra. Todos os nossos bons propósitos são pura ilusão, se não se apoiam na vontade e resolução firmes de nos mortificarmos e resistirmos às nossas más paixões.

Eis, além disso, os motivos que temos de fazer os exercícios de *penitência exterior*, de mortificar os nossos sentidos.

Em *primeiro* lugar, é de toda a justiça punir os sentidos exteriores, porque eles são, a maior parte das vezes, os cúmplices do pecado; ora os culpados merecem ser castigados.

Em *segundo* lugar, os sentidos exteriores são muitíssimas vezes a ocasião próxima do pecado. O demónio aproxima-se da alma pelas portas dos sentidos e é de lá que dispara os seus tiros. Mortificar os sentidos é, pois, por assim dizer, tirar ao inimigo as obras exteriores, os postos destacados da nossa ala, e cortar os víveres ao apetite. Por isso, todos os santos, como, de resto, todos os pecadores convertidos, estão convencidos

desta verdade: que o homem ganha em pureza e em força para fazer o bem, em proporção com a sua mortificação ou com as privações que impõe ao seu corpo.

A regra indica-nos como devemos praticar a penitência: dá-nos a medida justa, completa e agradável a Deus. Observar a ordem dos nossos dias, o silêncio, a exactidão, a modéstia e todas as outras nossas regras, é fazer uma penitência perpétua. É, igualmente, recolher a mina da penitência, suportar como se deve os trabalhos, as fadigas e os encargos da nossa vocação.

### **III - Meios de perseverar nos exercícios de penitência**

Um óptimo meio de nos tornar familiar a prática da penitência consiste em nos recordarmos frequentemente dos pecados; esta recordação torna-nos muito agradáveis a Deus e alcança-nos graças especiais de consolação e de protecção; além disso, mantém-nos na humildade, dispõe-nos a tudo e produz em nós o ódio precioso de nós mesmos, sem o qual a perseverança na prática da penitência não é verdadeiramente possível.

## **A VITÓRIA DE SI MESMO**

## **A vitória de si mesmo é uma parte importante da penitência.**

### **I – Vitória sobre nós mesmos**

A vitória sobre mim mesmo não é outra coisa senão a violência ou a força moral que empregamos contra nós para levarmos uma vida conforme com a razão e a fé, para cumprimos os nossos deveres e para sermos aquilo que devemos ser. Chama-se também abnegação, porque, no nosso estado de natureza decaída, não podemos absolutamente alcançar essa vitória sobre nós sem violência nem constrangimento.

O objecto da mortificação não é propriamente a nossa natureza, as nossas aptidões, nem mesmo as nossas paixões, mas só o que temos de desordenado, isto é, de defeituoso, de perigoso e de inútil. O fim da mortificação não é tão-pouco enfraquecer, destruir e prejudicar a natureza, mas, pelo contrário, torná-la dócil, apta e constante no serviço de Deus e no cumprimento do dever. A mortificação não é uma virtude especial, determinada. O seu objecto é a repressão das paixões e, por causa disso, ela tem relações íntimas com todas as virtudes, particularmente com as virtudes cardeais de força e de temperança, porque essas virtudes têm por objecto próprio a repressão das paixões.

### **II - Motivos de vitória sobre si mesma**

**1** - Devemos vencer-nos, a fim de, primeiramente, nos tornamos nobres, dignos de estima e felizes. Por causa do pecado original estamos cheios de inclinações e de paixões desregradas; ora, essas paixões tornam-nos disformes e aviltam-nos; elas formam o lado pequeno, frágil e humilhante da nossa natureza e, além disso, um objecto de ódio e de horror para Deus; demais, elas degradam em nós a imagem nobre e perfeita da divindade e tornam-na irreconhecível. As paixões são uma mancha e a causa de todas as nossas perturbações e de todas as nossas desordens íntimas.

**2** - Devemos vencer-nos, a fim de, em segundo lugar, nos conservamos afastados do pecado. As paixões desregradas vêm do pecado e conduzem-nos ao pecado; cativam a nossa inteligência e o nosso juízo; enfraquecem e tiranizam a nossa vontade; levam-nos ao pecado de que nos tornamos, por fim, desgraçadas vítimas, no tempo e na eternidade.

3 - Devemos vencer-nos, a fim de, em terceiro lugar, adquirirmos as virtudes. A virtude agrada a Deus por si mesma; o que dela nos afasta encontra-se primeiramente na dificuldade e na violência que exigem a sua aquisição, a sua conservação, a sua prática e o seu aperfeiçoamento. Ora, a mortificação derruba estes obstáculos; ela não é, com efeito, para a alma cristã, senão a força moral necessária para ser o que deve ser. Temos, pois, na mortificação, a chave de todas as virtudes.

4 - Devemos vencer-nos, a fim de, em quarto lugar, cumprirmos os deveres do nosso estado. Estes exigem igualmente coragem e força, sobretudo se quisermos viver cristãmente. O carácter sobrenatural do cristão dá e reclama maior e mais perfeita semelhança com Deus, sentimentos mais elevados e uma vida mais sublime, uma completa mortificação dos apetites desregrados e maus da natureza, e uma conduta perfeita, segundo Deus.

5 - Devemos vencer-nos, a fim de, em quinto lugar, obtermos graças, consolação espiritual e méritos para o Céu. A consolação celeste é quase impossível sem a renúncia à consolação temporal e sensível. Que é que nos restará à hora da morte de todos os nossos méritos espirituais, senão o conjunto dos sacrifícios temporais que tivemos oferecido a Deus durante toda a nossa vida? Quantos méritos podemos adquirir para o Céu, fazendo cada dia a Deus os sacrifícios das vãs alegrias da terra.

6 - Por último, devemos vencer-nos com o fim de não perdemos o fruto do retiro. A vitória sobre nós mesmos ou a extirpação das nossas paixões desregradas não é porventura o fim próximo do retiro e, por consequência, o fim próximo e principal, o primeiro dever de toda a vida espiritual? Esquecer isso, é perder o tempo e o trabalho e querer enganar-se a si mesmo; é ignorar um axioma admitido por todos os mestres da vida espiritual. Sem a resolução de nos vencermos e sem a prática da mortificação não passaremos nunca à execução de tudo o que decidimos durante o retiro e, por maioria de razão, não perseveraremos nas resoluções tomadas. Efectivamente, sem a mortificação não serviremos a Deus, não seremos indiferentes para com as criaturas, não evitaremos o pecado. Devemos, pois, aqui, tirar e admitir a consequência final: quem quiser alcançar o seu fim, deve evitar o pecado; quem quiser evitar o pecado deve vencer-se e mortificar-se.

### **III - As qualidades da mortificação**

Para atingir o seu fim, a mortificação deve ter as seguintes qualidades:

1 - Primeiro, é preciso que nos sirva de fundamento e de base de operação; isto é, devemos fazer uso frequente dela como de um princípio, e não incidente e ocasionalmente. O mal aí está também, por assim dizer, erigido em princípio no nosso ser: é uma lei e uma inclinação constante em nós; por causa disso, deve haver uma oposição contrária, para que o mal não triunfe. Um dos maiores princípios na vida espiritual é que devemos vencer-nos a nós mesmos e ter a vontade de o fazer.

2 - Em segundo lugar, a mortificação deve ser universal, constante e perseverante. É preciso que se estenda a todas as nossas paixões; é preciso que seja interior e exterior e que se pratique sem interrupção. Uma só paixão basta para nos perder. Cada uma das paixões é como uma solitária que se renova continuamente se não se lhe presta atenção. Uma paixão não mortificada assemelha-se, de algum modo, a um exército ou a uma fortaleza única que se deixou ficar para trás, enquanto se continuou a campanha.

3 - Em terceiro lugar, a mortificação deve ser ofensiva e não apenas defensiva. Devemos mortificar-nos espontaneamente, sem esperar que sejamos forçados a mortificar-nos. Se não fizermos assim, não alcançamos muitas vezes o fim que temos em vista e obtemos sobre nós vitórias intempestivas e inúteis. Topando a ofensiva na mortificação, tornamo-la fácil, porque está em exercício contínuo. Tais devem ser, pois, as nossas disposições em relação à mortificação, por mais penosa que pareça. Ela é absolutamente necessária. Além disso, ela não é perigosa, se se vir bem o seu fim e o seu verdadeiro objecto, se não se quiser empreender tudo ao mesmo tempo, e se nos deixamos guiar. Sim, certamente a mortificação é fácil, se se fizer dela um exercício essencial e principal da vida espiritual, se se orar e se se tiver um bocadinho de amor de Deus.

## **OS TRÊS GRAUS DE HUMILDADE**

### **I - Primeiro grau de humildade**

### **1 - Essência deste grau.**

Este grau consiste em que, por causa da pouca estima que temos de nós mesmos e da alta estima que temos de Deus, queremos antes perder todos os bens temporais e suportar todos os males deste mundo do que transgredirmos um preceito grave ou cometer um pecado mortal.

O objecto desse grau é, pois, tudo o que está unido e se relacione essencial e necessariamente com o serviço de Deus e com a nossa própria salvação. Devemos fazer tudo, deixar tudo e tudo sofrer, antes que tornar-nos culpados de um pecado grave. E é preciso que a nossa vontade esteja numa disposição habitual tal, que rejeitemos imediatamente, actualmente (*in acto*), sem reflexão positiva da nossa parte, toda a proposição contrária a uma obrigação grave; reflectir nela voluntariamente seria já um pecado. A razão de tudo isto é a humildade.

### **2- Os motivos para subir a este grau e permanecer nele são:**

Em primeiro lugar, a sua absoluta necessidade para a salvação eterna.

Em segundo lugar, a desigualdade e a desproporção dos interesse respectivos, dos interesses de Deus e dos nossos; estes últimos não podem de modo nenhum ser postos em linha de conta.

Em terceiro lugar, e especialmente, a falta desta disposição habitual da vontade é uma indignidade em face de Deus. Nós mesmos não ficaríamos contentes de termos uma criada que não acatasse imediatamente toda a proposta de não prejudicar seriamente os nossos bens, mas que pedisse de cada vez, antes de responder, três dias para pensar.

## **II - Segundo grau de humildade.**

### **1 - A essência deste grau.**

Este grau consiste, antes de mais nada, na verdadeira e pura indiferença pelas criaturas, de maneira que não façamos nenhuma diferença real entre as coisas temporais, como a honra e o desprezo, uma vida longa ou curta, a pobreza e a riqueza, enquanto não há senão o nosso interesse pessoal e temporal em jogo.

A condição deste grau é que haja igualdade de honra e de serviço de Deus no uso ou não uso das criaturas. Além disso, S. Inácio une a este segundo grau a fuga do pecado venial, ou porque essa fuga faz parte essencial deste grau, ou porque não é senão um efeito, um resultado accidental dela.

Objecto total deste grau seria, pois, tudo o que não está unido necessária ou essencialmente à salvação e ao serviço de Deus, portanto, abstenção de tudo isso ou indiferença para com tudo isso, enquanto não se trata senão de nós. A razão disso é ainda a humildade, a pouca estima de nós mesmos e dos nossos interesses temporais; há, com efeito, na pura indiferença, uma verdadeira humildade e muito pouca estima do que nos diz respeito pessoalmente, ao passo que, na disposição contrária, se encontram o egoísmo e a estima exagerada de nós mesmos.

**2** - Os motivos em favor da indiferença deste grau são os seguintes:

Em primeiro lugar, esta indiferença é justificada, porque objectivamente não há tão grande diferença entre as coisas criadas; é a preocupação de nós mesmos e dos nossos interesses temporais que torna esta indiferença tão notável.

Em segundo lugar, do mesmo modo que a falta de indiferença é sempre egoísmo, assim a indiferença é o nível e a prova de um carácter nobre, desinteressado, fortemente temperado; um tal carácter, que não é comum, merece o nosso respeito e a nossa admiração.

Em terceiro lugar, a falta desta indiferença expõe, de ordinário, ao perigo do pecado, pelo menos venial, por causa da preponderância do egoísmo. Por conseguinte, há nisso um estado que não é verdadeiro, que é perigoso e, em todo o caso, sem nobreza nem generosidade.

Em quarto lugar, a inserção do pecado venial é a essência deste grau; então, todos os motivos apontados contra o pecado venial tornam-se provas em favor deste segundo grau. O pecado venial é uma presunção culpável e uma estima exagerada de nós mesmos sem atenção à vontade, aos mandamentos e aos interesses de Deus.

**3** - Na prática, exercitamo-nos neste grau de humildade quando, nas calúnias, nas acusações, nas maledicências, não nos defendemos, a não ser que os superiores nos interroguem; quando, nos desconfortos e privações, não pedimos nada espontaneamente, a não ser que saibamos ser essa a vontade dos superiores, e quando, em geral, na escolha

e uso das coisa exteriores, não nos deixamos determinar pelo puro prazer que elas podem proporcionar-nos mas somente por um motivo racional fora de nós.

### **III - Terceiro grau de humildade**

#### **1 - A essência deste grau.**

Consiste em não nos limitamos à indiferença em face da pobreza e da riqueza, da honra e do desprezo, etc., mas em procurar, escolher e tomar o que o Divino Salvador escolheu, isto é, a pobreza, o sofrimento e a humilhação. A essência deste grau, comparado com os dois precedentes, é de natureza completamente positiva; faz-nos avançar, tomar a ofensiva e adoptar o que Nosso Senhor adoptou. A condição é aqui ainda a igualdade na honra e serviço de Deus. A razão deste grau é de novo a humildade, aliada ao respeito e ao amor pelo Divino Salvador. Poder-se-ia imprimir, de maneira frisante, esta razão por estas poucas palavras: envergonharmo-nos de querer ter neste mundo melhor partilha que o Divino Salvador que escolheu o desprezo, a pobreza por amor de nós. Ora, há nisso humildade e amor, e um e outro devem aí encontrar-se; porque o amor sem a humildade não persevera. O amor de Deus não pode subsistir senão à custa do amor próprio (?)<sup>2</sup> e empregando, sobretudo o meio do amor das humilhações... Sem esse fundamento da humildade tudo é instável. É por isso que S. Inácio nota que o primeiro e o segundo grau da humildade devem ser pressupostos e solidamente estabelecidos em nós: o terceiro grau encerra-os.

**2 - Os motivos seguintes podem servir para nos fazer subir ao terceiro grau da humildade:**

Em primeiro lugar, não é senão justiça em face do Salvador. Ele próprio se manteve neste grau em face de nós. Por cada uma das suas obras de penitência, Nosso Senhor oferecia a Deus, por nós, uma satisfação de valor infinito, de tal sorte que, sob este aspecto, a reparação era superabundante e a honra e a justiça de Deus não podiam exigir mais; apesar disso, porém, o Salvador, por humildade e por amor de nós, quis reduzir-se a nada, a tomar a forma de escravo e a fazer-se obediente até à morte e morte de cruz. Escolheu a pobreza, o sofrimento e a humilhação, a fim de nos resgatar, precisamente porque nós estávamos na pobreza, no sofrimento e na humilhação.

---

<sup>2</sup> Palavra imperceptível.

Escolheu, pois, a nossa sorte, por humildade e por amor; não devemos, por nossa vez, escolher a sua sorte, por amor e por humildade?

Em segundo lugar, é a beleza e a elevação desse grau. Essa beleza e essa elevação encontram-se primeiro na humildade e na pouca estima de nós, pelas quais nos subordinamos ao Senhor e lhe subordinamos tudo o que nos diz respeito, não porque o devemos, mas porque nos envergonhamos de ter uma posição melhor do que Ele tem. A bondade deste grau mostra-se, além disso, no amor e alta estima que temos pela Pessoa e exemplo do Salvador, sendo a razão expressa deste grau o próprio Jesus e o seu exemplo, não o serviço de Deus e a nossa salvação: estes pressupõem-se os mesmos, quer escolhêssemos quer não escolhêssemos. Nós testemunhamos, pois, com isso, uma delicadeza e uma ternura especiais de amor à Pessoa adorável do Senhor: eu escolho, porque Ele escolheu primeiro.

O terceiro motivo é a alegria e a honra da amizade de Jesus, e a nossa união com Ele. Do mesmo modo que não há nada que nos una tão intimamente com Deus como o motivo da caridade, assim não há nada que nos transplante tanto em Cristo como esta disposição que resulta de razões tiradas, expressa e exclusivamente Dele, do Seu ser, do Seu espírito e da Sua Pessoa. Poder-se-ia chamar o terceiro grau de humildade, a virtude do Homem-Deus. A consequência disso é que o Salvador nos dá então o seu Coração e o seu amor, e assim tornamo-nos um com Ele, um espírito, um coração e uma alma: já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim.

Em quarto lugar, se é justo e razoável que esta disposição e este espírito se encontram em alguma parte do cristianismo, onde devem estar senão no nosso Instituto, cujo fim principal é reparar as ofensas feitas a Nosso Senhor e a sua Mãe Santíssima? A Nosso Senhor, sobretudo, no seu Sacramento de Amor, a Augustíssima Eucaristia, e a Nossa Senhora, no mistério das Suas Dores. Neste terceiro grau, temos, pois, tudo: a mais alta santidade, a admirável originalidade do cristianismo, a divina loucura da cruz que distingue os Santos, o verdadeiro amor por Nosso Senhor e a dedicação mais perfeita ao seu serviço.

## **SOFRIMENTOS E MORTE DE JESUS NA CRUZ**

## **I – O que Jesus sofre sobre a cruz**

### *Jesus suporta sobre a cruz três sofrimentos principais*

1 - O primeiro sofrimento de Jesus na cruz é exterior e corporal. O triste estado, a que o seu corpo está reduzido de todas as maneiras, deve ocasionar a Nosso Senhor as dores mais terríveis. Está suspenso da cruz, por pregos que O dilaceram e sobre chagas vivas que O queimam com o ar glacial. A posição forçada, a tensão e o alongamento do corpo, as lacerações e a luxação dos membros são um obstáculo a toda a actividade vital. Os pulmões contêm uma quantidade excessivamente grande de sangue e funcionam com dificuldade; o coração bate penosamente, e a horrível opressão do peito causa-Lhe uma angústia e um mal mortais. A dilatação e, por consequência, o adelgaçamento das veias, impedem o sangue de voltar das extremidades e de circular: daí resulta para Jesus, sobretudo na cabeça, na frente e no pescoço, uma dor surda, enervante e pungente, acompanhada de ardente febre, de irritação e de incómodos insuportáveis de que as mãos pregadas não podem auxiliá-lo a aliviar-se. Finalmente, a grande quantidade de sangue que perdeu faz-Lhe experimentar uma sede devoradora: porque a sede é sempre um dos tormentos mais penosos da crucifixão.

O suplício da cruz, é, pois, na verdade, um dos martírios mais espantosos, porque não oferece senão dores inauditas, sem o menor alívio.

2 - O segundo sofrimento do Salvador sobre a cruz é interior, provindo de tudo aquilo de que ele é testemunha ou objecto e do abandono absoluto em que se encontra.

a) De fora chegam-lhe as troças e os sarcasmos dos seus inimigos. Toda a gente escarnece de Jesus: os transeuntes, talvez os peregrinos da festa pascal que seguem o caminho próximo do calvário (*Mt 27, 39*), os sacerdotes e os sumos sacerdotes, os anciãos e os escribas, os soldados e, enfim, os condenados ao mesmo suplício que Ele. E o Senhor é escarnecido, sob todos os aspectos, como Profeta, como Filho de Deus, como Taumaturgo, como Messias e mesmo por causa da sua santidade e da sua confiança em Deus. Os soldados aproximam-lhe dos lábios uma esponja que afastam logo para não o deixarem beber, e fazem um joguete de Jesus crucificado. Oh! que sofrimento para Jesus ter de suportar esta irrisão geral e estas troças grosseiras em tais circunstâncias! É uma barbaridade desumana, uma negra ingratidão, uma horrível blasfêmia. Aqui se revela bem o espírito cruel do povo quando é excitado e exaltado.

Não podendo já agarrar Jesus com as mãos, ferem-no ou cobrem-no com os dardos acerados do ódio e do escárnio. Tão longe quanto o Salvador dirige os Seus olhares, vê um povo inteiro hostil e em ferros contra Ele; por toda a parte os Seus olhos não encontram senão figuras rubras de cólera e homens que lhe mostram os punhos fechados. Mesmo do pequeno grupo dos Seus amigos fiéis não lhe vêm, em lugar de consolações, senão dores amargas. Ele considera o Seu amor e a sua fidelidade, a Sua Pessoa até à morte, e só Ele mede e é capaz de medir a imensidade dos sofrimentos dessas almas queridas. Oh! que olhares, que palavras Ele troca com sua Santa e muito amada Mãe, com S. João, com Santa Maria Madalena!. E, como esses olhares e essas palavras fazem e cavam feridas cruéis e profundas nos corações de todos! Como o Coração do Salvador deve ficar dilacerado quando diz adeus a sua Mãe, e a abandona e lhe confia o apóstolo S. João que de futuro será seu filho!

**b)** Mas o maior sofrimento de Jesus na cruz é o abandono. É verosímil que Ele se encontra no mesmo espantoso estado de alma que no Horto das Oliveiras. A Divindade não o abandona jamais, por causa da união da sua natureza humana com a segunda Pessoa divina, e tem sempre, por consequência, a visão intuitiva e imediata de Deus; ora, Deus priva sobre a cruz a humanidade de Jesus dos efeitos da alegria que produzia nela essa visão, e mergulha-a num abismo de sofrimentos e de abandono interiores inexprimíveis. É, com efeito, impossível medir a profundidade e imaginar a amargura desta dor da alma do Salvador; é um mistério insondável. Se os homens nos abandonam, resta-nos ainda Deus, nosso supremo Bem, vida íntima da nossa alma; mas, se Deus se afastou também de nós com a sua consolação, então estamos sós, completamente abandonados; ficamos mergulhados no horror da mais profunda noite; já não é a vida, é o Inferno... Ora, não há alma que ame Deus mais que a de Jesus, que esteja com Deus nas relações mais íntimas e mais afectuosas, e que (por causa da sua união substancial com a Divindade e da visão intuitiva) beba, de uma maneira mais admirável, nas fontes do amor, da alegria e da felicidade. Estas comunicações de paz, de felicidade e de consolação estão actualmente de todo interrompidas e, em lugar delas, pesa sobre a alma do Salvador o peso e as trevas da desolação, da impotência, da tristeza e do terror. Jamais uma alma sentiu e sentirá dores, como a alma de Jesus, enquanto Ele esteve suspenso na cruz! Foi então, sem dúvida, que suportou o mais terrível dos sofrimentos da Paixão. Pode-se conjecturá-lo pelo grito que solta nesse

momento: “*Meu Deus, Meu Deus, porque me desamparastes*”? Não se dirige a Seu Pai, mas dirige-se a Deus; é o grito da alma para o Bem Supremo, eterno. Como os Profetas falaram desta dor em termos comoventes! Terrível calvário! Não há lugar mais abandonado de Deus do que esse; não há lugar de maior desolação do que esse! Mas o Salvador não solta o Seu grito de amargura, porque não possa mais, mas para nos revelar que consente ainda em suportar essa pena do abandono no meio dos suplícios interiores e que os suporta de facto sem consolação interior. Além disso, quer mostrar que as profecias estão cumpridas também neste ponto. Enfim, quer consolar-nos a nós mesmos dos tempos em que estaremos privados de toda a consolação divina e humana, por um completo abandono sobre a cruz. Jesus merece e amontoa um tesouro precioso, em que poderão haurir todos os abandonados da humanidade; adquire-nos e prepara-nos a força para o dia em que, sozinhos e sem luz, fomos mergulhados no abismo da desolação, nas trevas da agonia e da morte. Nele se encontra Jesus neste momento; ergueu a sua cruz a fim de nos servir, em circunstâncias análogas, de consolador, de guia e de auxílio poderoso.

**3** - Finalmente, o Salvador sofre; as suas forças estão esgotadas e a morte chega; a morte, a última e a mais cruel necessidade da nossa natureza; a morte, a maior das humilhações, em que o corpo e a alma, como dois criminosos associados, são separados e arrancados à viva força; a morte, o combate mais porfiado, em que a vida, assediada e recalçada de todos os lados ao mesmo tempo, opõe uma resistência suprema e desesperada; a morte, a mais profunda das dores, cuja violência se revela tantas vezes por uma última lágrima nos olhos e por uma contracção amarga e dolorosa em torno da boca; a morte, essa filha dura e implacável do pecado que, com o seu ceptro fulminante, toca todos os descendentes de Adão e os reduz a pó. Sim, a morte chegou e ela estende a mão mesmo sobre o Santo dos Santos, sobre o Autor da vida, e submete-o ao seu triste domínio; e deve ser assim, porque o Senhor o quer. O Senhor luta contra a morte como um de nós. Levanta a cabeça e exclama: “*Tudo está consumado*”; os tormentos esgotaram as minhas forças, a minha carreira está concluída, já não me resta senão morrer. Então, diz com uma voz potente: “*Pai, entrego a minha alma nas vossas mãos*”. Inclina a cabeça e entrega a alma: são cerca das três horas da tarde, a nona hora dos antigos.

## II - Como Jesus suporta todos esses sofrimentos

### O Divino Salvador sofre sobre a cruz

1 – Em primeiro com uma grande calma, uma grande atenção e uma grande presença de espírito. Não está tão absorvido pelas Suas indizíveis dores que não note tudo o que se passa em volta de si. Vê tudo, ouve tudo, mesmo o menor suspiro. Ouve a débil voz do ladrão arrependido e concede-lhe logo o Céu, esse Céu que Lhe custa, a si, tão caro. Olha Sua Mãe e o Seu Apóstolo amado e não esquece o futuro de ambos. Percorre as profecias para ver se estão todas perfeitamente cumpridas e, quando já nada falta, diz: *“Agora tudo acabou”*. Nenhum sacerdote pode, no altar, realizar as funções sagradas com mais tranquilidade, mais recolhimento e mais dignidade que o Salvador oferecendo o seu sacrifício sobre o altar da cruz.

2 - Jesus sofre em seguida com uma grande paciência, um grande amor, na prática da mais magnânima virtude, produzindo actos da mais sublime santidade. Enquanto está pregado na cruz, abandonado dos homens e de Deus, sem a menor consolação, sofrendo tudo o que um homem infeliz, atormentado, triturado e esmagado pela dor pode sofrer, ora, sacrifica-se interiormente a Si mesmo e compõe, dos Seus sofrimentos e do Seu abandono, o mais rico tesouro de graças, no interesse da nossa salvação e da glória de Deus. Faz o Seu testamento perante Deus e deixa todos os Seus méritos à Igreja e aos pecadores; e nenhuma ingratidão, nenhuma dor, nenhum abandono, nem mesmo aquele a que O reduzem nessa hora, Deus e a sua justiça inexorável, nada, absolutamente nada pode perturbar a pureza perfeita da Sua dedicação filial e da Sua caridade. Ainda que seja abandonado por Seu Pai de uma maneira tão dura e tão cruel, exclama contudo antes de morrer: *“Pai, Eu entrego a Minha alma nas Vossas mãos”*. Assim reconhece Seu Pai como o princípio de todas as coisas, por conseguinte, da Sua vida, e entrega-lhe a Sua alma e a Sua vida ao expirar; não conhece ninguém, além de Seu Pai, a quem possa, com mais amor e segurança, confiar o que há de mais caro.

Morre, pois, com todos os sinais da mais perfeita santidade, no exercício da mais heróica virtude, na prática do amor dos inimigos, da obediência, da dedicação, da dependência mais absoluta, da submissão mais completa a Deus, no reconhecimento

mais autêntico do supremo domínio de um Pai sobre Ele. Do mesmo modo, a Sua morte não é só preciosa aos olhos de Deus como a de todos os Santos; ela é ainda o modelo, a coroa, a consumação e a fonte de todas as mortes santas.

**3** - Finalmente, Jesus morre com uma liberdade e uma força verdadeiramente divinas. Morre na realidade da morte de cruz e das consequências da crucificação, dos sofrimentos e das perdas de sangue, inseparáveis desse suplício, aliás, mortais por si mesmas. Porém, apesar de tudo, a vida não lhe pode ser arrancada sem um consentimento formal da sua parte; e esse consentimento Ele o dá no instante em que inclina a cabeça. A Sagrada Escritura parece indicá-lo ao dizer que o Senhor inclinou primeiro a cabeça e depois entregou a sua alma; ordinariamente morre-se primeiro e depois é que se abaixa a cabeça. Além disso, os Evangelistas observam que o Salvador, no momento da Sua morte, solta um grito forte e comovente, de tal sorte que o centurião da guarda reconhece nisso um sinal extraordinário, vê nisso um testemunho da Divindade de Jesus e a proclama em público. O Messias morre livremente porque quer, diz Isaías. A Sua morte não tem apenas o sinal da fraqueza da sua verdadeira natureza humana; apresenta também o carácter majestoso do Seu império completo sobre Si mesmo, enquanto Homem-Deus. Morre com a majestade da plenitude do poder absoluto e pessoal.

### **III - Efeitos da morte de Jesus**

Os efeitos da morte do Salvador fazem-se sentir por toda a parte, na natureza imanada e no mundo dos homens.

**1** - À morte de Jesus a terra é abalada e treme. O monte do Calvário fende-se em dois; os túmulos desmoronam-se e abrem-se, e, depois da Ressurreição, muitos das santas personagens do Antigo Testamento aparecem para dar testemunho do Messias. A confusão e as destruições são grandes no templo: o véu colocado entre o Santo e o Santo dos Santos rasga-se de alto abaixo e os olhos podem mergulhar no Santo dos Santos, desde então aberto, para significar o fim do Antiga Aliança, do reinado aos sombras e das figuras e por isso o acesso junto de Deus é, doravante, permitido a todo o povo. É no terror e no espanto que a natureza dá testemunho de Deus.

O centurião romano é o primeiro entre os homens que sente os efeitos da morte do Salvador. À vista dos sinais extraordinários que se verificam, enche-se de assombro

e, esclarecido pela luz da graça, proclama a inocência e a Divindade de Jesus. Um terror súbito apodera-se ao mesmo tempo do povo que se encontra nas proximidades e nas alturas e que é testemunha do que se passa; essas pobres criaturas caem em si, batem no peito soltando lamentações e fogem consternados para a cidade, a qual também, dentro de pouco tempo, se acha dominada pelo medo e pelo terror. A morte de Jesus produz na Sua Mãe, em S. João e nas santas mulheres frutos de fé, de adoração, de amor crucificado e de dor inefável; é um Filho muito amado, é um Senhor único que acaba de expirar.

2 - Tais são os espectadores e as testemunhas perseverantes da morte de Jesus; e os Seus sentimentos e as Suas disposições devem ser também os nossos em face deste mistério; a fé, o arrependimento, a morte ao pecado, a crucifixão das paixões desregradas e a renovação da vida em Cristo são as flores que se desenvolvem e os frutos que amadurecem ao pé da cruz. Eis todo o ensinamento e todo o resultado da morte do Salvador. A Sua morte é o ponto culminante da Sua vida e de todos os mistérios da Sua existência; ela é o selo da Sua Divindade; é a confirmação da Sua moral, do nosso fim sobrenatural, da lei eterna, da enormidade do pecado, para cuja destruição era preciso que um Deus morresse; é o sinal definitivo, o carácter distintivo da nova ordem da graça pela criação do mérito de toda a graça; é o modelo da nova vida, enquanto, mortos para o pecado, devemos amar a Deus na santa esperança da ressurreição do nosso corpo. A morte de Jesus ensina-nos, numa palavra, a viver e a morrer para Jesus. Cristo morreu por todos, a fim de que aqueles que vivem, não vivam para eles mas para Aquele que morreu e ressuscitou por eles. *“Vivamos ou morramos, pertencemos a Cristo”*. (Rom. 14, 18). Depois que o Salvador morreu por nós, a morte já não tem para nós nada de terrível. A morte na graça de Deus, na fé e na união da caridade com Cristo, é um sacrifício infinitamente precioso, a coroa da vida cristã e a mais perfeita assimilação e semelhança com Cristo. Dizendo estas palavras: *“Pai, entrego a Minha alma nas Vossas mãos”*, o Salvador apoderou-se da mão de Seu Pai e nela nos depôs como um legado bem caro. Já não nos aterramos, pois, à vista do pórtico sombrio da morte. Jesus encontra-Se lá, e onde está Jesus está também Maria, porque, com efeito, ela assistia à morte do seu Primogénito.

*“Pai, entrego a Minha alma nas Vossas mãos”* e *“Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, agora e na hora da nossa morte”*, eis as palavras de predilecção do

crisão moribundo; eis a sua oraão e a sua arma de defesa contra os poderes das trevas e do inferno.

## **A ASCENSÃO**

*(Aplicação dos sentidos)*

1 - S. Pedro e mais alguns Apóstolos dirigiram-se com vários discípulos e outros fiéis da parte do ocidente, para o monte Tabor; vêm do lago de Genesaré. Ao pé do Tabor encontram-se os restantes apóstolos e discípulos, assim como Nossa Senhora, as santas mulheres e muitas outras pessoas. Os apóstolos e os discípulos sabem todos que devem reunir-se num ponto da Galileia: é a ordem do Senhor. S. Pedro, e os apóstolos que chegam ao lago, contam a Maria Santíssima e aos outros o milagre da recente pesca miraculosa. A esta narrativa todos se regozijam imenso e oferecem a S. Pedro os testemunhos da sua veneração. Então tomam algum alimento nas estalagens que se encontram ao pé da montanha e sobem-na, em seguida, todos juntos. Percorrem caminhos aprazíveis e cheios de sombras, entre sebes vivas e bosques verdejantes, e chegam por fim a quatro planaltos onde uma multidão bastante considerável encontra facilmente lugar para passear e para se sentar. Há já no cimo da montanha muita gente reunida, algumas centenas de pessoas. Os apóstolos põem-se logo, segundo o seu costume, a percorrer os grupos e a estabelecer neles a ordem, e S. Pedro começa a pregar a toda a assembleia a Ressurreição de Jesus e anunciar-lhes as diferentes aparições que a seguiram.

Então, o Salvador mostra-Se de repente e vestindo como de ordinário uma túnica resplandecente de alvura, passa através das alas compactas da multidão. Muitos espectadores estão estupefactos e até inquietos, como se tivessem diante dos olhos um puro espírito, e recuam com terror; mas outros, em transportes de alegria, prostram-se aos pés de Jesus e adoram-no respeitosamente. O Senhor senta-se no meio da multidão, bastante elevado acima da terra, de modo que todos possam vê-lo e ouvi-lo, e olha toda essa multidão reunida, os diferentes planaltos da montanha e a bela paisagem que se estende sob os seus olhares. Não podia escolher lugar mais favorável ao seu intento. Vê-se, ao longe, por um lado, o mar da Galileia e, por outro lado, o mar do Ocidente, os vales verdejantes da Galileia e as montanhas em que Jesus orou e operou milagres. Tudo aqui é vasto, grandioso e elevado. O Senhor fala com muita realidade do cumprimento das profecias, do Reino de Deus que Ele estabelecerá sobre toda a terra: *“Aquele que, diz Jesus, quiser entrar no Reino, deve crer, fazer penitência e deixar-se baptizar”*. Chegou o tempo disso e foi por isso que Ele escolhera os apóstolos; estes devem agora pôr mãos à obra e fazer de todos os povos uma única Igreja. Então o

Salvador levanta-se com gravidade e, dirigindo-se aos apóstolos, continua assim: *“Todo o poder me foi dado no Céu e sobre a terra, e este poder Eu vo-lo transmito”*. Estende os braços a todo o cumprimento, como se quisesse abençoar toda a terra e toda a humanidade, e, mostrando os países e os mares, exclama: *“Ide, pois, ensinai todos os povos, baptizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinai-os a observar tudo o que vos disse. Aquele que crer e for baptizado, será salvo; quem não crer, será condenado. Os milagres seguirão os passos dos que crerem; expulsarão os demónios em Meu nome, falarão diferentes línguas; tomarão sem perigo as serpentes nas suas mãos e, se beberem alguma bebida envenenada, não serão incomodados; imporão as mãos sobre os doentes e estes serão curados. E Eu estarei convosco até ao fim do mundo”*.

Enquanto Jesus pronuncia estas palavras, da Sua pessoa emanam raios luminosos que se espalham sobre os apóstolos e, sem dúvida, também sobre todo o universo. Depois ordena aos Seus apóstolos que vão a Jerusalém e acaba por lhes dizer que irão até às extremidades da terra, encarregando-os de fundar comunidades por toda a parte. Num momento desapareceu, como uma luz que se apaga no meio dos apóstolos e da multidão do povo, os quais todos se prostram de joelhos para O adorarem.

**2** - Os apóstolos estão de novo em Jerusalém, no Cenáculo, na refeição de despedida a que o Senhor preside antes da sua partida para o Céu. Os apóstolos e os discípulos estão sentados em diferentes mesas e as mulheres estão à porta, ao fundo da sala. Entre estas, Nossa Senhora é a que está menos afastada de Jesus que Ela quer ver e ouvir o melhor possível. O Salvador está de pé junto de uma mesa; abençoa os pães e os peixes e todos os circunstantes, mesmo Sua Mãe Santíssima e as restantes mulheres. E é muito amável, muito benévolo e cheio de solicitude; dir-se-ia que quer exceder-se em bondade e amabilidade. De tempos a tempos, dá aos convivas ensinamentos sublimes e tocantes. Diz-lhes entre outras coisas: *“A minha obra está consumada sobre a terra e é tempo de voltar para junto de Meu Pai celeste; de ora em diante, já não posso ser-vos útil sobre a terra, mas posso fazer muito por vós no Céu; vou, pois, preparar-vos um lugar; permaneci em Mim pela fé, pela caridade para comigo e para convosco, e no exercício da oração; já não comerei convosco antes que tudo seja cumprido no Céu”*.

Estas palavras contristam singularmente os apóstolos, e muitos dos assistentes põem-se a chorar. Mas o Salvador consola-os, acrescentando: *“Não vos deixo órfãos;*

*dentro de poucos dias enviar-vos-ei o Espírito Santo. Ficai aqui na cidade para o esperardes. É Ele que vos há-de encher com a força do alto; e vós ireis por todo o universo para dar testemunho de mim e não tereis nada que recear de nenhum inimigo nem de nenhuma perseguição”*. Quando o Senhor acabou de falar, fez passar ainda em volta um copo de vinho, de que Ele próprio bebeu primeiro, e ordenou a todos que se dirigissem para o monte das Oliveiras.

Antes da partida, Nossa Senhora aproxima-se de Seu Filho para lhe fazer um pedido: queria pedir-lhe que a deixasse morrer já para ir com Ele para o Céu, porque sabia perfeitamente que Jesus partia para o Céu. Mas o Senhor, que conhece os seus pensamentos, usando de todas as atenções possíveis, fez um sinal negativo com a mão, dizendo-lhe que não lhe pode conceder o que Ela deseja. A Mãe de Deus agradece humildemente a Seu Filho a recusa que Ele lhe opõe e quer retirar-se, pedindo-lhe Jesus que fique. Então o Salvador dá solenemente, aos Seus apóstolos, Maria por Mãe e Advogada; e Pedro e os outros apóstolos vêm, um após outro, inclinar-se diante de Maria e receber a sua benção. Jesus faz igualmente Pedro avançar para o meio da sala e repete o que lhe disse em Cesareia de Filipe e nas margens do lago de Tiberíades: é Pedro que deve ser o chefe e o mestre em Seu lugar.

Depois disso todos deixaram a sala e o Senhor os conduz por grupos, primeiro, ainda uma vez ao Calvário e ao Seu Sepulcro; depois, voltando-se para o Norte, entra no vale de Josafat e costeia as muralhas de Jerusalém, em frente do monte das Oliveiras. Muitos fiéis seguem Jesus, e também no vale do Cédron se encontra já um grande número de discípulos vindos de Betânia, à notícia da partida definitiva do Salvador. Jesus percorre, daí a pouco, na encosta do Monte das Oliveiras, um sítio delicioso no meio de árvores. É tanto um lugar de passeio como um lugar de oração, como há tantos neste monte e nos arredores da cidade; aí, o ar é fresco e o sítio aprazível. A multidão instala-se e repousa por todos os lados no meio das grandes ervas. Jesus pronuncia ainda aqui um longo discurso em que consola os seus, e fala do futuro da Igreja. É para os apóstolos a ocasião de lhe perguntarem se o reino de Deus vai já começar. Jesus não lhes dá uma resposta precisa a este respeito; diz-lhes que pertence a Seu Pai determinar o momento da vinda do Reino de Deus e que, quanto a eles, devem esperar o Espírito Santo que lhes anunciará todas as coisas. Entretém-se muito tempo com eles, como alguém cuja missão está cumprida e que está prestes a fazer as suas despedidas; todos os

assistentes têm esse pressentimento e apertam-se em torno dele.

Há já mais de uma hora que estão ali. O sol vai já muito alto, quase no meio da sua carreira. Da cidade avistam-se os numerosos peregrinos que estão na encosta do Monte das Oliveiras e os variados grupos que para lá continuam a encaminhar-se. Nesse momento, Jesus dirige-se para o cimo do monte e a multidão agita-se, põe-se em marcha, formando como que diferentes procissões nas estradas e avançando através dos bosques, entre as sebes e as paliçadas dos jardins. Os apóstolos escoltam o Salvador; vão, seguidos de muito perto pela Santíssima Virgem e pelas santas mulheres. Jesus torna-se cada vez mais luminoso e caminha cada vez mais depressa, como se quisesse escapar-se àqueles que o rodeiam. No alto do monte, conserva-se de pé, deslumbrante de esplendor, no meio de uma grande multidão de homens. É meio-dia: o Senhor torna-se resplandecente como o sol e, em breve, um círculo luminoso, reflectindo magnificamente as cores do arco-íris, desce do céu e cerca-o por todos os lados. Mas Ele próprio tem, na Sua Pessoa, um maior esplendor. Olha, mais uma vez, com uma bondade e um amor infinitos, Sua Santa Mãe, os apóstolos e as santas mulheres, todos os seus discípulos, todos os Seus amigos e, mais longe, a infeliz cidade de Jerusalém; coloca a Sua mão esquerda sobre o peito, eleva a Sua direita santa e venerável, e abençoa, voltando-se para todos os lados, a multidão reunida e o universo inteiro. Então uma luz de brilho particular baixa do céu sobre Ele e forma uma nuvem muito clara e muito branca, no meio da qual Jesus, na presença de todos os assistentes, se eleva lentamente nos ares até que, por fim, a Sua forma humana se confunde com Sua luz celeste: ter-se-ia dito então um sol entrando noutro sol. As multidões inumeráveis dos Santos do Antigo Testamento reúnem-se em coros brilhantes em torno do Divino Salvador, penetram a breve trecho na luz da Sua glória, que O cerca, e desaparecem com Ele nas alturas do Céu dos bem-aventurados.

Da nuvem brilhante, que acaba de esconder Jesus a todos os olhares, sai como uma espécie de chuva de luz que cai sobre os espectadores; eles estão deslumbrados, cheios de admiração e de temor. Os apóstolos, que se conservavam mais perto do Salvador, são envolvidos de repente por essa luz e caem por terra. Nossa Senhora conserva-se de pé atrás dos apóstolos e olha com calma; é possível que tenha gozado então, durante alguns instantes, da vista de Deus e tenha subido realmente com Seu Filho ao Céu. A multidão observa o mais profundo silêncio, e, uma vez recobrada do

deslumbramento, não deixa apagar-se da sua vista o fenómeno celeste de que acaba de ser testemunha e cujos reflexos admira durante muito tempo; todas estas pessoas estão agitadas por sentimentos diversos. Todavia, eis que da estrada luminosa se levantam de repente dois anjos vestidos de longas túnicas brancas. Falam à multidão. A sua voz tem o som estridente da trombeta, mas a sua atitude é serena e imponente: *“Homens da Galileia, exclamam eles, porque permanecéis aqui, de pé, e olhais para o céu? Aquele Jesus, que subiu ao Céu à vossa vista, voltará como o vistes subir”*. A estas palavras desaparecem, e a própria nuvem luminosa se dissipa pouco a pouco. Agora os discípulos de Jesus sabem o que acaba de lhes acontecer. O Senhor deixou-os para subir para junto de Seu Pai celeste. Os homens e as mulheres do povo permanecem lá, ainda durante muito tempo, conversando uns com os outros e olhando para o céu. Por fim, todos se retiram para suas casas. Maria Santíssima e os Apóstolos partiram tranquilos, com o coração cheio de alegria e consolação: viram coisas tão magníficas!

O sítio donde Nosso Senhor se elevou para o Céu é uma pedra lisa, uma lousa, sobre a qual deixou o sinal das Suas pegadas. Agora Jesus sobe ao Céu com uma grande magnificência. E acompanhado dos Santos do Antigo Testamento que entoam cânticos de louvor e de reconhecimento, nos transportes da mais viva alegria. Então as portas do céu abrem-se, os coros dos Anjos vêm cantando ao encontro do Seu Rei que saúdam com o maior respeito. Oferecem também as suas homenagens ao cortejo brilhante que o acompanha e entoam do mesmo modo cânticos magníficos.

Mas o Senhor Jesus eleva-se acima de todos os coros dos espíritos celestes e depõe diante do trono de Seu Pai as primícias do Seu reino. O Pai acolhe-O com a maior bondade e coloca-O à Sua direita. É ali que Jesus viverá e reinará doravante com o Pai e o Espírito Santo, durante os séculos dos séculos.

## INDICE TEMÁTICO

O pecado mortal da religiosa.....	3
A morte.....	8
O pecado venial.....	13
A tibieza.....	17
A penitência.....	22
A vitória de si mesmo.....	24
Os três graus da humildade.....	28
Sofrimentos e morte de Jesus na cruz.....	32
A Ascensão.....	39